
DOSSIÊ TEMÁTICO- Chamada de Trabalhos

A Universidade no mundo global: reflexões, desafios e perspectivas para o Brasil e América Latina

Angelo Brigato Ésther¹,
Manolita Correia Lima²,
Maria Fernanda Rios Cavalcanti³,
Virgílio César da Silva e Oliveira⁴

A universidade é uma instituição que remonta à Idade Média, e que tem passado por sucessivas transformações ao longo dos séculos. Se, nos seus primeiros dias, constituía-se de um conjunto de estudantes em torno de um professor, com o tempo foi se institucionalizando e assumindo diversas formas, de modo a dar respostas a interesses de determinados estratos da sociedade, como a nobreza, o clero, a burguesia e assim por diante.

Contrariamente aos países de colonização espanhola, o Brasil instituiu sua primeira universidade tardiamente, já no século XX. Tal situação não é fortuita, na medida em que consistiu de uma estratégia deliberada da Coroa portuguesa desde o início da colonização,

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora -Faculdade de Administração e Ciências Contábeis- Mestrado Acadêmico em Administração

² Escola Superior de Propaganda e Marketing

³ Pontifícia Universidade Católica de Campinas

⁴ Faculdade de Administração e Ciências Contábeis-Mestrado Acadêmico em Administração

ciente que era do potencial contestatório e da função política da educação, como bem apontava Anísio Teixeira (TEIXEIRA, 1988). É assim que, no Brasil, foram proibidas as instituições suscetíveis de promover ou instigar transformações culturais: a universidade e a tipografia, ou o livro e a imprensa.

Porém, é preciso ter em conta que a universidade não está à margem da história de um país, ao contrário, integra a história e é por ela atravessada, segundo os dizeres de Maria de Lourdes Fávero (FÁVERO, 1980), numa espécie de relação dialética. Também por esta razão, a universidade enfrenta sucessivas crises e diversas reformas.

Ao mesmo tempo, é importante considerar que, quando falamos a respeito da universidade, o seu significado não é o mesmo em todo e qualquer lugar, nem ao longo do tempo. Ainda que nos limitemos à universidade europeia, por exemplo, não há um sentido inequívoco de seu papel, de suas funções e de sua estruturação (TORGAL, ÉSTHER, 2014). Não é por acaso que a literatura aponta alguns modelos emblemáticos de universidade, por assim dizer, tais como o da universidade napoleônica, na França, da universidade alemã de Humboldt, da universidade inglesa de Newman, bem como da própria universidade estadunidense. Neste aspecto, comparações simplistas seriam ingênuas, pois diriam respeito a contextos culturais, políticos e econômicos distintos.

No mundo global atual, o incremento das tecnologias de transporte, de informação e comunicação têm favorecido a mobilidade acadêmica internacional, a formação de redes de pesquisa e tudo isso tem proporcionando possibilidades de avanços antes inimagináveis. Ao mesmo tempo, têm possibilitado a emergência e a construção de mercados globais, sobretudo em economias de cariz neoliberal, em que, virtualmente, qualquer coisa pode ser transformada em mercadoria transacionável, visando ganhos financeiros. É neste sentido que iniciativas como o Processo de Bolonha ganharam espaço na Europa, por exemplo. Porém, a materialização desta estratégia implicou uma espécie de padronização do modelo de educação superior, de modo a favorecer a mobilidade acadêmica internacional, mas, sobretudo, sua comercialização.

É assim que faz sentido a previsão (na década de 1940) de Karl Polanyi de que estaríamos diante da passagem de uma economia de mercado para uma sociedade de mercado, de tal forma que, em vez de existir uma economia incrustada (embedded) nas relações sociais, as relações sociais é que estariam incrustadas no sistema econômico. Em outras palavras, a subordinação da sociedade ao mercado.

Uma das consequências nefastas de tal perspectiva é sua naturalização, como se ela fosse espontânea, a-histórica. Daí a necessidade de problematizar esta “fuerza hegemónica del pensamiento neoliberal, su capacidad de presentar su propia narrativa histórica como el conocimiento objetivo, científico y universal y a su visión de la sociedad moderna como la forma más avanzada – pero igualmente normal – de la experiencia humana” (LANDER, 2000, p.12). Esta é uma das razões pelas quais reflexões sobre a universidade se fazem relevantes e oportunas, pois possivelmente a instituição seja o último reduto em que o exercício da reflexão crítica e a busca pela verdade ainda é possível. Não é por acaso a ocorrência de tentativas recentes, no país, de denegrir a instituição sob a alegação de inculcação ideológica, disseminadora e propagadora de um suposto “marxismo cultural”, dentre outras acusações infundadas.

Quando levamos em conta a literatura acadêmica acerca da universidade brasileira, por seu turno, verificamos a predominância de estudos e pesquisas sobretudo no campo da Educação, da Sociologia da Educação e da História. Os estudos no campo da Administração são muito recentes, comparativamente. Ainda assim, é notória a prevalência de perspectivas que privilegiem a gestão em seus aspectos mais funcionais e instrumentais, em detrimento de estudos de cunho mais reflexivo. Para além desta constatação, e talvez mais grave sob certos aspectos, observamos a ocorrência de interpretações que tomam maciçamente como referências uma literatura exógena, particularmente estadunidense e europeia. Raramente, os pesquisadores brasileiros buscam referências entre os autores latino-americanos – a exemplo de Aníbal Quijano, Carlos Tünnermann Bernheim, Carmen García Guadilla, Daniela Perrotta, Edgardo Lander, Jocelyne Gacel-Ávila, María Soledad Oregioni, Nelson Maldonado Torres, Ramón Grosfoguel, Walter Mignolo –, para além de alguns autores brasileiros “clássicos”. Implicitamente, os estudos acabam por assumir os pressupostos e os pontos de vista daqueles

autores, em detrimento de pesquisadores “nativos”, por assim dizer. Neste sentido, são muito bem-vindas reflexões dentro do que se convencionou chamar de perspectiva “decolonial”, ou estudos “pós-coloniais”. Evidentemente, não negamos nem repudiamos contribuições que não se encaixem nesta perspectiva, mas buscamos compreender nossa realidade mais próxima – a brasileira – bem como a de nossos vizinhos de língua espanhola, cuja importância não pode ser desconsiderada, embora muito pouco explorada nos estudos organizacionais.

Considerando a realidade concreta brasileira, o modo como governos percebem e, em consequência, lidam com a universidade pública tem oscilado. Esse pêndulo redefine possibilidades e ações de instituições privadas.

Em linhas gerais, os anos 1990 questionaram a eficiência da universidade pública e seu foco, instaurando mecanismos de evidenciação de ações e de remuneração docente mediante demonstração de desempenho. O segmento privado serviu-se de aportes de recursos, por meio de processos de publicização, notadamente em organizações de excelência.

Nas décadas de 2000 e 2010 instituições públicas de ensino superior foram consideradas vetores para o desenvolvimento social. Sua multiplicação e interiorização foi estimulada, ainda que de modo subfinanciado em alguns casos, e o acesso foi viabilizado por meio de políticas de equidade, potencializando o pluralismo intramuros. Ofertantes privados de educação superior também foram contemplados, por meio de programas centrados em renúncia fiscal por parte do Estado.

No presente, percebe-se nova mudança de posicionamento do governo diante de instituições públicas, por meio do questionamento de seu alto custo, em face das demandas dos ensinos fundamental e médio e, até, da seriedade de seus atos – culminando na infeliz referência à “balbúrdia”, por parte do atual Ministro da Educação. No que se refere ao setor privado, foram mantidos os programas em curso e não há sinalização de novas premissas ou políticas, findo o primeiro semestre do governo Bolsonaro.

Este pêndulo, que em momentos distintos valoriza e desqualifica a universidade pública e, ato contínuo, sinaliza maior ou menor possibilidade de expansão da educação superior privada, reconfigura o macroambiente que envolve a universidade e, ainda, seu microambiente. Na medida em que não são criadas condições favoráveis perenes, isto dificulta, inclusive, a atração e a permanência de professores, pesquisadores e estudantes com alto potencial de produção e contribuição científica (SIEKIERSKI, LIMA, BORINI, 2018).

Muitos são, portanto, os pontos que instigam o debate sobre a universidade no Brasil e na América Latina. No intuito de sinalizar possibilidades para este dossiê temático, destacam-se como perguntas que podem ser contempladas pelos trabalhos que serão submetidos:

- a) Em que medida o pêndulo brasileiro reflete condicionantes políticos, econômicos e ideológicos sobre a educação superior também observáveis em países da América Latina?
- b) Como os aspectos mencionados reconfiguram o macroambiente da universidade (pública, principalmente), redesenhando suas relações com atores estatais, sociais e de mercado, moldando suas estruturas de governança e interferindo em sua autonomia?
- c) Como os mesmos elementos interferem em seu microambiente, impondo novos desafios aos gestores e contemplando o pluralismo – que é produto do tempo presente e é potencializado por políticas de equidade, que aproximam a universidade do tecido social de seus países?
- d) Como podemos compreender a universidade latino-americana – e a brasileira em particular – no mundo atual sem nos atermos às concepções hegemônicas eurocêntrica e estadunidense?
- e) De que universidade o Brasil e a América Latina necessitam diante dos desafios que lhes são impostos, especialmente num contexto de internacionalização, massificação e mercantilização da educação?
- f) Neste contexto, como enfrentar as ameaças a que estão submetidos os princípios norteadores da universidade, especialmente a autonomia e a liberdade acadêmica ou de cátedra?

Para esta edição, portanto, convidamos autores e autoras que estejam dispostos e dispostas a problematizar e a tecer argumentos sobre aspectos estruturais, atitudinais e relacionais que envolvam a instituição universitária e os diversos atores que a constituem. Serão bem-vindas diversas perspectivas teóricas, epistemológicas e metodológicas, especialmente de cariz crítico e interdisciplinar, sejam em forma de ensaios teóricos ou estudos teórico-empíricos, trazendo contribuição para o campo de estudos organizacionais e para a compreensão de nossa realidade educacional.

PROPUESTA DE DOSSIER TEMÁTICO – RBEQ

La universidad en el mundo global: reflexiones, desafíos y perspectivas para Brasil y América Latina.

Es necesario tener en cuenta que la universidad no está al margen de la historia de un país, al contrario, integra su historia y es atravesada por ésta, como lo expone María de Lourdes Fávero (FÁVERO, 1980), en una especie de relación dialéctica. También por esta razón, la universidad enfrenta sucesivas crisis y reformas diversas.

Al mismo tiempo, es importante considerar que, cuando hablamos sobre la universidad, su significado no es el mismo en todo lugar, ni a lo largo del tiempo. Aunque nos limitemos a hablar sobre la universidad europea, por ejemplo, no hay un sentido inequívoco de su papel, de sus funciones y de su estructura. (TORRALBA, ÉSTHER, 2014). No es casual que la literatura haga referencia a algunos modelos emblemáticos de universidades, por así decirlo, como al de la universidad napoleónica en Francia, a la universidad alemana de Humboldt, a la universidad inglesa de Newman, así como a la propia universidad estadounidense. En este aspecto, comparaciones simplistas serían ingenuas, pues harían referencia a contextos culturales, políticos y económicos diferentes.

En el mundo global actual, el incremento de las tecnologías de transporte, de información y de comunicación han favorecido la movilidad académica internacional, la formación de redes de investigación, y todo eso ha proporcionado posibilidades de avances antes inimaginables. Al mismo tiempo, ha posibilitado la emergencia y la construcción de mercados globales, sobre todo en economías de tendencia neoliberal, en las que, virtualmente, cualquier cosa puede ser transformada en mercancía transable, en la búsqueda de ganancias financieras. Es en este sentido que iniciativas como la del proceso de Bolonia ganaron espacios en Europa, por ejemplo. Sin embargo, la materialización de esta estrategia implicó una especie de estandarización del modelo de educación superior, a modo de favorecer la movilidad académica internacional, pero, sobre todo, su comercialización.

De esta manera toma sentido lo previsto en la década de 1940 por Karl Polanyi, de que estaríamos pasando de una economía de mercado a una sociedad de mercado, de tal forma que, en vez de existir una economía incrustada (*embedded*) en las relaciones sociales, las relaciones sociales son las que estarían incrustadas en el sistema económico. En otras palabras, la subordinación de la sociedad al mercado.

Una de las consecuencias nefastas de tal perspectiva es su naturalización, como si esta fuese espontánea, a-histórica. De allí la necesidad de problematizar esa “ *fuerza hegemónica del pensamiento neoliberal, su capacidad de presentar su propia narrativa histórica como el conocimiento objetivo, científico y universal y a su visión de la sociedad moderna como la forma más avanzada – pero igualmente normal – de la experiencia humana*” (LANDER, 2000, p.12). Esta es una de las razones por las cuales las reflexiones sobre la universidad se tornan relevantes y oportunas, pues posiblemente esta institución sea el último reducto en el que el ejercicio de la reflexión crítica y la búsqueda de la verdad aún sean posibles. No son casuales las tentativas recientes, en el país, de denigrar a la institución bajo el alegato de inculcación ideológica, diseminadora y propagadora de un supuesto “marxismo cultural”, entre otras acusaciones infundadas.

Cuando tomamos en cuenta la literatura académica acerca de la universidad brasileña, verificamos el predominio de estudios e investigaciones en el campo de la Educación, de la

Sociología de la Educación y de la Historia. Los estudios en el campo de la Administración son muy recientes, comparativamente. Aún así, es notoria la prevalencia de perspectivas que privilegian la gestión en sus aspectos más funcionales e instrumentales, en detrimento de estudios de cuño más reflexivo. Más allá de esta constatación, y tal vez más grave bajo ciertos aspectos, observamos en mayor proporción la ocurrencia de interpretaciones que toman como referencias literaturas exógenas, particularmente estadounidenses y europeas. Raras veces, los investigadores brasileños buscan referencias entre autores latinoamericanos – como por ejemplo, Anibal Quijano, Carlos Tünnermann Bernheim, Carmen García Guadilla, Daniela Perrotta, Edgardo Lander, Jocelyne Gacel-Ávila, María Soledad Oregioni, Nelson Maldonado Torres, Ramón Grosfoguel, Walter Mignolo –, más allá de algunos autores brasileños “clásicos”. Implícitamente, los estudios terminan por asumir los presupuestos y los puntos de vista de esos autores, en detrimento de investigadores “nativos”, por así decirlo.

En este sentido, son bienvenidas reflexiones dentro de lo que se convino llamar como perspectiva “decolonial”, o estudios “postcoloniales”. Evidentemente, no negamos ni rechazamos contribuciones que no encajen en esta perspectiva, pero buscamos comprender nuestra realidad más próxima – la brasileña – así como la de nuestros vecinos de habla hispana, cuya importancia no puede ser desconsiderada, aunque hasta ahora ha sido poco explorada en los estudios organizacionales.

Considerando la realidad concreta de Brasil, el modo en que los gobiernos perciben y, en consecuencia, lidian con la universidad pública ha presentado oscilaciones. Ese péndulo redefine posibilidades y acciones de instituciones privadas.

En líneas generales, en los años de 1990 se cuestionó la eficiencia de la universidad pública y su enfoque, instaurando mecanismos de evaluación de acciones y de remuneración docente mediante demostración de desempeño. El segmento privado se sirvió de aportes de recursos, por medio de procesos de publicación: especialmente en organizaciones de excelencia.

En las décadas de 2000 y 2010 las instituciones públicas de educación superior fueron consideradas agentes para el desarrollo social. Su multiplicación e interiorización fue estimulada, aunque de modo sub-financiado en algunos casos, y el acceso fue viabilizado por medio de políticas de equidad, potencializando el pluralismo intramuros. Ofertantes privados de educación superior también fueron contemplados, por medio de programas centrados en renuncia fiscal por parte del Estado.

En el presente, se percibe un cambio de posición del gobierno ante las universidades públicas, representado en cuestionamientos sobre su alto costo, de cara a las demandas de las instituciones de educación básica y media, y que incluso ha puesto en tela de juicio la seriedad de sus actos – culminando en la infeliz referencia a la “balbúrdia” (término que hace referencia a confusión o desorden ruidoso), por parte del actual Ministro de Educación. En lo que se refiere al sector privado, se mantuvieron los programas en curso y no hay señales de nuevas premisas o políticas, finalizado el primer semestre del gobierno Bolsonaro.

Este péndulo, que en diferentes momentos valoriza y descalifica a la universidad pública y, acto seguido, señala mayor o menor posibilidad de expansión de la educación superior privada, reconfigura el macroambiente que envuelve a la universidad y, aun, su microambiente. En la medida en que no se crean condiciones favorables perennes, se dificulta, inclusive, la atracción y la permanencia de profesores, investigadores y estudiantes con alto potencial de producción y contribución científica (SIEKIERSKI, LIMA, BORINI, 2018).

Muchos son, por tanto, los puntos que instigan el debate sobre la universidad en Brasil y en América Latina. Con el objetivo de señalar posibilidades para este dossier temático, se destacan como preguntas que pueden ser contempladas por los trabajos que serán sometidos:

- ¿En qué medida el péndulo brasileño refleja condicionantes políticos, económicos e ideológicos sobre la educación superior también observables en otros países de América Latina?
- ¿Cómo los aspectos mencionados reconfiguran el macroambiente de la universidad (pública, principalmente), rediseñando sus relaciones con actores

estatales, sociales y de mercado, moldeando sus estructuras de gobierno e interfiriendo en su autonomía?

- ¿Cómo los mismos elementos interfieren en su microambiente, imponiendo nuevos desafíos a los gestores y contemplando el pluralismo – que es producto del tiempo presente y es potencializado por políticas de equidad, que aproximan la universidad al tejido social de sus países?
- ¿Cómo podemos comprender la universidad latinoamericana – y la brasileña particularmente – en el mundo actual, sin atarnos a las concepciones hegemónicas, eurocéntricas y estadounidenses?
- ¿De qué tipo de universidad necesita Brasil y América Latina de cara a los desafíos que les son impuestos, especialmente en un contexto de internacionalización, masificación y mercantilización de la educación?
- En este contexto ¿cómo enfrentar las amenazas a las que están sometidos los principios que sirven de guía a la universidad, especialmente la autonomía y la libertad académica o de cátedra?

Para esta edición, por lo tanto, invitamos a autores y autoras que estén dispuestos y dispuestas a problematizar y a hilar argumentos sobre aspectos estructurales, actitudinales y relacionales que envuelvan a la universidad y a los diversos actores que la constituyen. Serán bienvenidas diversas perspectivas teóricas, epistemológicas y metodológicas, especialmente de tendencia crítica e interdisciplinaria, ya sea bajo el formato de ensayos teóricos o estudios teórico-empíricos, que contribuyan al campo de los estudios organizacionales y de comprensión de nuestra realidad educativa.

REFERÊNCIAS

FÁVERO, M. L. A. **Universidade e poder**: análise crítica / fundamentos históricos: 1930-45. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

LANDER, E. Ciencias sociales: saberes coloniales y eurocéntricos. En LANDER, Edgardo (Compilador). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

POLANYI, K. **A grande transformação: as origens de nossa época**. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

SANTOS, B. S. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SIEKIERSKI, P., LIMA, M. C, BORINI, F. M. International Mobility of Academics: Brain Drain and Brain Gain. **European Management Review**, v. 14, p. 10, 2018.

TEIXEIRA, A. **Educação e universidade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1988.

TORGAL, L. R., ÉSTHER, A. B. **Que universidade?** Interrogações sobre os caminhos da universidade em Portugal e no Brasil. Juiz de Fora, EUDFJF; Coimbra: IU, 2014.

Submetido em 24/04/2019
Aprovado em 11/07/2019